

Seminário

João A. A. de Souza

Nº USP 14515981

LÖW, Martina. O spatial turn: para uma sociologia do espaço. **Tempo Social**, São Paulo, Brasil, v. 25, n. 2, p. 17–34, 2013.

1. Estrutura do seminário:

a) Breve biografia d@ autor@ [destacando em especial dados que ajudem a contextualizar histórica e socialmente o texto a ser analisado]

Martina Löw, nascida em 1965, na Alemanha¹ é professora de Sociologia do Planejamento e Sociologia da Arquitetura na Universidade Técnica de Berlim², na qual é chefe do Centro de Pesquisa Colaborativa “Refiguração de Espaços”³, financiado pela Agência Alemã de Pesquisa (DFG). Entre suas áreas de especialização estão, Sociologia e Estudos Urbanos, Teoria do Espaço, Teoria Social e Sociologia Cultural (SMUS⁴, 2024).

b) Contexto (formal-editorial, intelectual, histórico-social) de produção do texto a ser analisado;

O artigo em questão foi escrito pela autora para o Dossiê “As Ciências Sociais e o Espaço”, publicado em 2013⁵ (volume 25; número 2), na Revista de Sociologia da USP, Tempo Social. O texto foi traduzido por Rainer Domschke⁶ e Fraya Frehse⁷. O Dossiê em questão traz entre seus escopos, a preocupação com uma problemática cada vez mais presente na sociologia,

¹ Na época, Alemanha Ocidental.

² Segue informações de contato da professora na Universidade Técnica de Berlim <https://www.tu.berlin/en/archsoz/about/prof-dr-martina-loew> Acesso em jun 2024.

³ Para mais informações sobre o Centro de Pesquisa, segue o link do site eletrônico <https://www.tu.berlin/en/about/profile/press-releases-news/2021/november/german-research-foundation-to-fund-spatial-research-within-the-refiguration-of-spaces-collaborative-research-center/> Acesso em jun 2024

⁴ SMUS ou GCSMUS é a sigla para *Global Center of Spatial Methods for Urban Sustainability*. É um centro Intercâmbio e Desenvolvimento, sob a coordenação da Universidade Técnica de Berlim, que concentra-se em questões mais relacionadas com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável nº 11 da Agenda 2030, Cidades e Comunidades Sustentáveis. O centro trabalha no desenvolvimento de métodos espaciais transdisciplinares, reunindo métodos de investigação de várias disciplinas espaciais, como sociologia, geografia, humanidades, arquitetura, planejamento urbano e design e planejamento de transportes. Martina Löw é uma das pesquisadoras do Centro. Para essas e mais informações sobre o SMUS, acessar <https://gcsmus.org/>.

⁵ Link para o dossiê completo: <https://www.revistas.usp.br/ts/issue/view/6016> Acesso em jun 2024

⁶ Tradutor alemão-português, formado na Johannes Gutenberg-Universität Mainz.

⁷ Professora do Departamento de Sociologia da USP, onde coordena o de Estudos e Pesquisas em Sociologia do Espaço e do Tempo (NEPSESTE).

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA | PÓS-GRADUAÇÃO

qual seja, a interferência do espaço nas relações e práticas sociais, bem como refletir sobre como as ciências sociais brasileiras têm operado em termos conceituais, quando assumem o espaço como objeto explícito de conhecimento (FREHSE, 2013, p. 10).

Reconhecendo que nos dias de hoje as ciências sociais brasileiras são marcadas por escolhas teóricas bem definidas, quando o assunto é espaço, e que tais opções têm implicações metodológicas também precisas, o Dossiê pretende instigar o leitor a pensar sobre algumas dessas especificidades conceituais (FREHSE, 2013, p. 11). Nesse contexto editorial, a obra de Martina Löw traz a síntese acerca de sua teoria sobre a “duplicidade do espaço” (FREHSE, *idem, ibidem*).

O texto da autora é o primeiro, após a apresentação do Dossiê, e é seguido por mais três, intitulados: “Recordações de como me deparei com e tentei compreender o espaço por meio de uma sociologia” de Roberto DaMatta; “Cortiços: a humilhação e a subalternidade” de Lúcio Kowarick; e “A imaginação da terra: o pensamento brasileiro e a condição periférica” de João Marcelo Ehlert Maia.

c) Conteúdo do texto – elementos focais (sempre acompanhados de citações do texto que comprovem a sua pertinência):

c-1) Tema [assunto] que perpassa o texto todo

Como a sociologia analisa a relação entre o espaço e as relações sociais.

c-2) Problema abordado no texto [questão teórica que @ autor@ pretende responder]

Como a sociologia tem integrado o espaço em fundamentos teóricos e quais as questões investigativas atuais daí resultantes.

“Este texto volta-se para a questão de como, em consequência desse *turn*, a sociologia tem integrado o espaço em seus fundamentos teóricos, e quais as questões investigativas atuais daí resultantes. Contraporei duas posições influentes uma concepção materialista de espaço e outra fundada na teoria da ação. Essa comparação mostra que existe um dissenso particularmente em relação à questão de se o espaço, como condição e resultado de processos sociais, é apenas formado, ou se ele em si opera de modo estruturador. Oferecerei, então, sob a

rubrica “dualidade do espaço”, uma síntese das duas posições, porque estruturas espaciais e ação espacial aparecem assim como dois lados da mesma moeda.” (p. 18)

c-3) Principal(is) tese(s) contidas no texto [resposta(s) à questão teórica] – ou hipótese(s), no caso de projetos de pesquisa e ensaios

“[...] A percepção de que a mudança social não pode ser explicada satisfatoriamente sem uma reconceituação das categorias relativas à componente espacial da vida social é chamada de *spatial turn*. [...] Vigora cada vez mais a noção de que [...] o espaço é não apenas um contêiner ou uma realidade apriorística da natureza; diferentemente, ele precisa ser pensado e investigado como condição e resultado de processos sociais [...]” (p. 17)

“Essa posição materialista de fundo, de que o espaço precisa ser compreendido como produto social ou atividade de criação, vem encontrando grande receptividade entre os cientistas sociais empenhados na formulação de teorias. No entanto, tem sido objeto reiterado de questionamentos ou críticas a suposição daí derivada, de que o espaço poderia, mediante o seu caráter estruturante, desenvolver uma força efetiva própria. Como exporei a seguir, em particular concepções forjadas na teoria da ação rejeitam de modo explícito a efetividade própria do espaço.” (p. 20-21)

“A teoria da ação procura pensar a ação como categoria mediadora entre os aspectos materialmente perceptíveis dos espaços e as consequências sociais das estruturas espaciais. A categoria de ação permite vincular o posicionamento físico, a percepção e as operações construtivas dos sujeitos com artefatos materiais e enquadramentos institucionais. [...] uma abordagem desse tipo também é um componente essencial das teorizações materialistas. No entanto, Harvey, entre outros, concentra-se mais no caráter estrutural da ação do que em observar as potencialidades dela.” (p. 21)

“A própria noção de ação, Giddens só a relaciona de maneira unidimensional com o espaço: ações parecem evidentemente estar localizadas. Ele, por exemplo, não se pergunta se ações podem produzir espaço. Por sua vez, define noção de estrutura excluindo explicitamente o espaço. “Como conjunto de regras e de recursos recursivamente organizados, a estrutura encontra-se fora do espaço e do tempo, exceto em suas realizações e coordenação como rastros

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA | PÓS-GRADUAÇÃO

da memória; e ela se caracteriza por uma ‘ausência do sujeito’ [...]” O espaço é, para Giddens, o lugar onde ocorrem eventos, que apresentam qualidades específicas. (p. 23)

“[...] Diferentemente de Giddens, ele (Benno Werlen) tematiza o espaço não apenas como “*setting*” (cenário), mas como produto da ação. “Nas diferentes referências da ação também se altera a constituição do espaço – porque os relacionamentos com o corpo resultam diferentes” [...] Isso significa que, dependendo do tipo de ação, o espaço é originado de modo diferenciado. [...]” (p. 24)

“Mas, como ele (Giddens) só tematiza o espaço como *setting* (cenário) inserido em lugares, perde a oportunidade de servir-se de espaço e lugar como conceitos sociológicos que designam fenômenos distintos. Por exemplo, deixa de ser possível nomear a diferença entre o lugar singular e o espaço institucionalizado. Assim, permanece inexplicada a relação de um lugar específico com sua materialidade e as formas generalizáveis de regionalização. Também permanece inexplorado, por exemplo, um fato destacado por Derek Gregory (1989): como são produzidas as próprias “localities” diversas, e não apenas sua regionalização.” (p. 26)

“Para compreender a dinâmica dos espaços, o seu caráter processual, o seu vir a ser, a sua multiplicidade, mas também a sua força estruturante, proponho ampliar a compreensão giddensiana de uma dualidade de estrutura e ação em prol de uma dualidade do espaço. Concebo espaços como ordenamentos-ordens relacionais de seres e bens sociais em lugares. O termo ordenamento-ordem enfatiza que, primeiramente, espaços se baseiam na prática de ordenamento (como atividade de associação cognitivo-perceptiva e também como prática de alocação), mas, em segundo lugar, espaços também estabelecem uma ordem já existente. Essa ordem, no sentido de estruturas sociais, tanto precede a ação como é sua consequência. [...] Sob esse prisma, estruturas políticas, econômicas ou jurídicas fazem par com estruturas espaciais (e temporais). Em conjunto, elas formam a estrutura social. Como qualquer forma de estrutura, as estruturas espaciais precisam realizar-se na ação, mas também estruturam a ação. Nesse sentido, a dualidade de ação e estrutura é também a dualidade do espaço. Isso significa que estruturas espaciais geram uma forma de ação que, na constituição de espaços, reproduz essas mesmas estruturas espaciais.” (p. 26-27)

“[...] os espaços não existem simplesmente, mas são criados na ação, e que, como estruturas espaciais, incrustadas em instituições, guiam a ação. Em princípio, os seres humanos

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA | PÓS-GRADUAÇÃO

agem de modo repetitivo, isto é, eles se acostumam a ou aprendem rotinas que deixam suas atividades transcorrerem em percursos habituais. Não precisam refletir muito sobre qual caminho tomar, onde se alocar, como armazenar mercadorias e associar coisas e seres humanos entre si. Eles desenvolveram um conjunto de ações condicionadas pelo hábito que lhes ajudam a moldar a sua vida cotidiana. Para compreender isso de modo preciso, é útil a distinção proposta por Anthony Giddens (1988) entre a consciência discursiva – que abrange os fatos que os agentes podem expressar em palavras – e a consciência prática – que compreende o conhecimento (também no sentido corporal e emocional) que os agentes atualizam na vida cotidiana sem recorrer a processos reflexivos conscientes. A ambas as formas de consciência soma-se, na ação cotidiana, o inconsciente, motivos reprimidos da ação. A constituição de espaço ocorre, em princípio, a partir de uma consciência prática, o que se evidencia particularmente no fato de que os seres humanos raras vezes comunicam uns aos outros como criam espaços. Na constituição recíproca contínua de ação social e de estruturas sociais, os espaços surgem como resultado e precondição do decurso da ação. [...]” (p. 27)

“Primeiramente, espaços surgem do fato de que os seres humanos associam elementos ativamente. Isso significa que, por meio de processos de percepção, de imaginação ou de lembrança, bens sociais e seres humanos/vivos são associados uns aos outros como espaços. [...] Esse processo é denominado atividade de síntese.” (p. 28)

“Em segundo lugar, na maioria dos casos (com exceção do desenho arquitetônico, por exemplo), o surgimento de espaços vem de mãos dadas com alocações. Portanto, o espaço também se constitui através da alocação de bens sociais e seres humanos, ou então pelo posicionamento de marcações primariamente simbólicas no intuito de identificar conjuntos de bens e seres humanos como tais (por exemplo, placas de entrada e saída de lugares). A partir de agora, denominarei esse processo *spacing*, que designa a atividade de erguer, de construir ou posicionar. [...] No caso de bens móveis ou de seres humanos, *spacing* designa tanto o momento da alocação quanto o movimento rumo à próxima alocação. Na ação cotidiana da constituição de espaço, a atividade de síntese e o *spacing* ocorrem simultaneamente, já que a ação é sempre processual. De fato, as atividades de construir, de erguer ou de alocar – enfim, o *spacing* – são impossíveis sem a atividade de síntese – isto é, sem a associação simultânea dos bens sociais e dos seres humanos circundantes como espaços.” (p. 28)

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA | PÓS-GRADUAÇÃO

“[...] os espaços são sempre sociais. São materiais os objetos que, alocados, são associados como espaços. No entanto, essa materialidade não pode ser percebida ou intuída como pura, alheia a influências ou até mesmo natural. Como seres socializados, os humanos percebem também a materialidade por meio de um sistema tradicional de atribuições de sentido e, assim, de marcadores simbólicos. [...] Bens sociais também exercem efeitos exteriores, por exemplo em cheiros e ruídos; e dessa maneira eles influenciam as possibilidades das construções de espaço. A atmosfera torna-se, assim, uma qualidade dos espaços que não raramente resulta em inclusões ou exclusões (no sentido de estados de bem-estar ou de estranhamento específicos a tal ou qual grupo)” (p. 28-29)

“[...] seres humanos não agem nem de modo individualmente singular nem de maneira amplamente idêntica. Pelo contrário, as sociedades estruturam-se em classes, gêneros, etnias ou grupos etários. Os espaços podem tornar-se relevantes de diferentes maneiras, para cada grupo social. Podem ser experimentados de modo diverso. Eles podem orientar oportunidades de acesso ou exclusões. Podem tornar-se campos de controvérsias na luta por reconhecimento. Assim, na maioria das vezes é através de constituições de espaço que se negociam relações de poder e de dominação.” (p. 29)

“Em suma, qualquer constituição de espaço se define, de um lado, pelos bens sociais e os seres humanos e, de outro, pela associação dos mesmos. [...] Para a sociologia do espaço isso significa que é preciso chegar a afirmações tanto a respeito de cada um dos elementos quanto sobre o estabelecimento de relações entre eles. Outra consequência é que, em princípio, dependendo do grupo social (por exemplo, diferenciando entre crianças e adultos), é possível imaginar sínteses espaciais variadas num mesmo lugar. Então, passa a ser sociologicamente relevante enfocar também formações espaciais concorrentes num mesmo lugar.” (p. 29)

“[...] o espaço desenvolve o seu poder pleno quando todos os atores têm a impressão de não serem influenciados em suas convenções, por estruturas espaciais, seguindo-as, na consciência prática, como se fossem evidentes. A regulação da ação através dos espaços ocorre de maneira eficaz quando ela pode se basear em um conhecimento preexistente já consolidado em convenções e rotinas.” (p. 30)

“[...] O duplo caráter do espaço – simultaneamente uma estrutura ordenadora e uma forma de ação – presta-se a uma reflexão sobre a potência dos espaços. O conceito de espaço

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA | PÓS-GRADUAÇÃO

descreve, hoje em dia, uma forma de organização da contiguidade, assim como a noção do tempo designa uma formação da sucessão. Portanto, em termos sociológicos, os espaços designam as relações entre alocações simultâneas. Esse algo alocado (também no sentido de crescido, construído, plantado) precisa aparecer no plural, afim de ser percebido como espaço. O objeto não é espaço, mas o espaço se estende entre objetos. Por isso, espaço é noção que encarna simultaneidades.” (p. 31)

c-4) Objeto empírico [fenômeno social inquirido pelo autor para responder a sua questão]

A relação entre o espaço e as relações sociais nele contidas.

c-5) Orientações teóricas [autores que ajudam autor a enfrentar em termos conceituais a sua questão teórica]

Entre os diversos autores usados no texto, aquelas cujas teorias são debatidas e diretamente usadas para a construção da teoria da “dualidade do espaço”, são: Henri Lefebvre; David Harvey; Edward Soja; Anthony Giddens; Benno Werlen.

c-6) Estrutura argumentativa utilizada pelo autor para responder a sua questão teórica [lógica da sequência de argumentos utilizada pelo autor]

O texto se inicia com uma introdução (não nomeada) e quatro tópicos. A estrutura argumentativa busca apresentar uma teoria materialista do espaço, que parte da estrutura espacial e tem como autores mais usados, Harvey e Soja. Após, é mostrado através dos pensamentos de Giddens e Werlen, tanto uma oposição quanto as teorias anteriores como quais as vantagens, mas também limitações das abordagens orientadas na prática e que partem da teoria da ação. Por fim, nos dois últimos tópicos, é demonstrado de que forma, uma nova teoria, a da “dualidade do espaço” une os dois grupos de teorias anteriores, contemplando-as onde faltam.

“Em termos metodológicos, oporemos duas posições contrárias: teoremas materialistas que partem da estrutura espacial, de um lado, e abordagens orientadas na prática e que partem da ação, de outro. Como conclusão, com referência à teoria da estruturação de Anthony Giddens, apresentamos a proposta de uma síntese das duas abordagens. Dessa forma, torna-se

possível uma teoria do espaço que não atribui ao espaço forças essencialistas, nem o reduz a meras sequências de ação.” (p. 33)

c-7) Resultados interpretativos [conclusões] d@ autor@ em relação a sua questão teórica

A autora conclui que um conceito sociológico adequado de espaço deve unir as teorias materialistas de espaço com a teoria da ação. Assim, o espaço seria ao mesmo tempo, uma estrutura estruturante das relações sociais e estruturada por essas.

2. Questões para discussão:

a) Como o espaço público é definido no texto?

O espaço público não é mencionado diretamente, mas para a autora, os espaços são ordenamentos-ordens relacionais de seres e bens sociais em lugares.

b) Qual o objeto empírico tematizado por referência ao espaço público?

O espaço na sociologia.

FREHSE, Fraya. Apresentação . **Tempo Social**, São Paulo, Brasil, v. 25, n. 2, p. 9–16, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/78762>. Acesso em: 3 jun. 2024.